

Biomass entre fronteiras Sul-Americanas: o Pampa e a Mata Atlântica em perspectiva histórico ambiental

João Davi Oliveira Minuzzi

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista da CAPES/DS

Débora Nunes de Sá

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista da CAPES/DS/PDSE

Introdução

O historiador ambiental indiano Mahesh Rangarajan (2011) afirma que as diversas formas de vida não veem os obstáculos impostos pela sociedade humana, como por exemplo na delimitação de onde inicia um determinado Estado-nação em relação ao outro, ou seja, onde existe o que chamamos de fronteira política-administrativa. É nesse sentido, que neste trabalho analisamos a relação entre fronteira e natureza, tomando como objeto de estudo a distribuição fitogeográfica de dois biomas que atravessam diversas fronteiras de múltiplos Estados-nacionais, são eles: o Pampa que ocupa a região fronteira de partes da Argentina, Uruguai e Brasil, e a Mata Atlântica que se distribui por partes das fronteiras entre Argentina, Brasil e Paraguai (FIGURA 1). Partimos da noção de bioma elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004) e do conceito elaborado pelo geógrafo Diogo de Cabral de bioma que é “uma área com dimensões normalmente superiores a um milhão de quilômetros quadrados em que o clima, a fisionomia da vegetação, o solo e a altitude são semelhantes ou aparentado” (2014, p. 39).

A divisão política realizada pela ação humana forjou os biomas em análise, de maneiras distintas ao longo do tempo. Por isso, neste trabalho, problematizamos por meio da disciplina da História Ambiental, como um bioma é modificado pela presença de fronteiras políticas que alteram o manejo de seus ecossistemas, seja por meio de políticas públicas ou de concepções e pensamentos humanos com relação à natureza. O recorte temporal se estende desde os fins do século XIX até meados do XX, o que nos possibilitou uma visão macro temporal da problemática. Dessa maneira, o

recorte nos permitiu compreender as transformações vividas por esses biomas e seus ecossistemas ao longo do tempo.

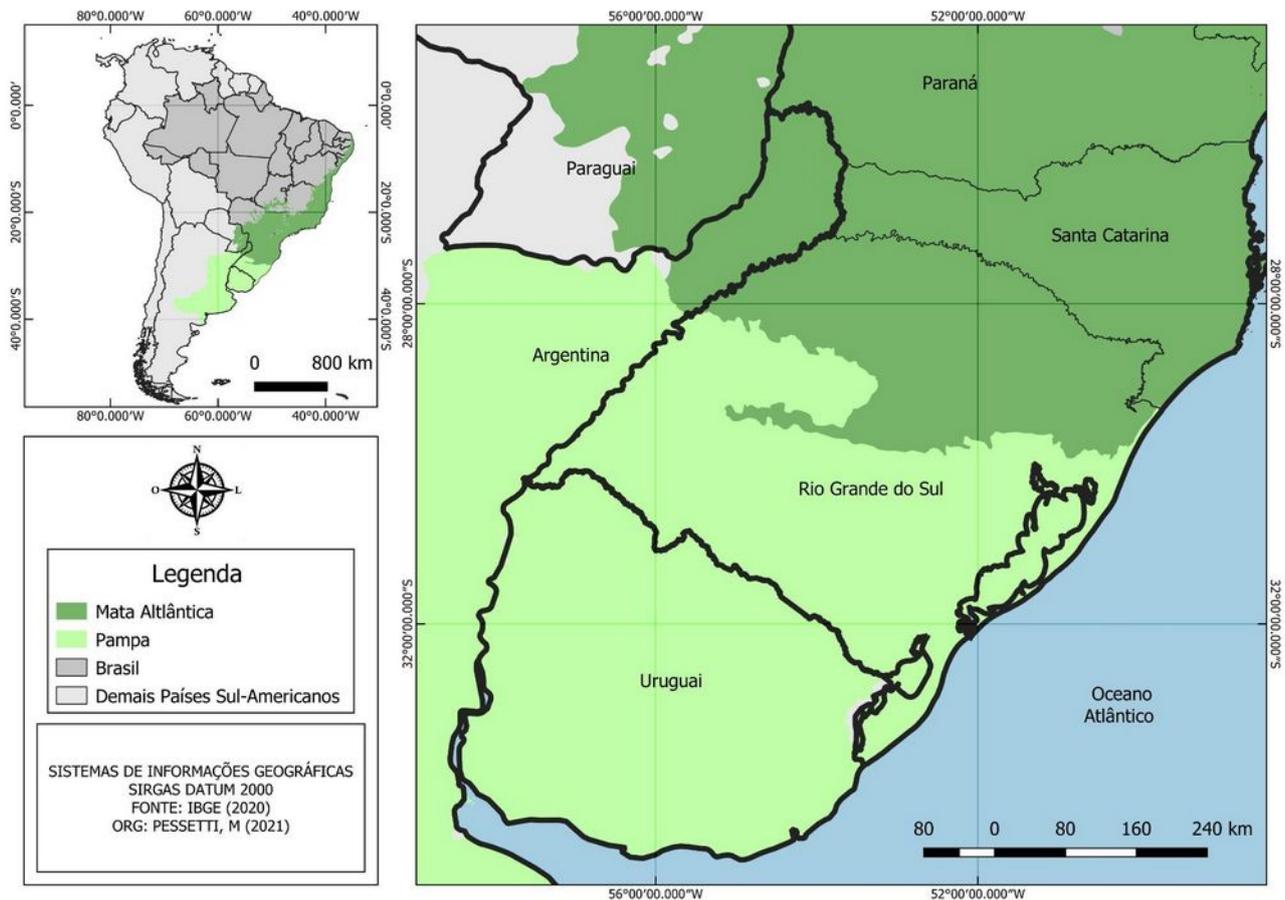


Figura 1: Fronteiras sul-americanas dos biomas Pampa e Mata Atlântica

Fonte: Elaborado com base em Sistemas de Informações Geográficas SIRGAS DATUM 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). Organização: Mateus Pessetti (2021).

Objetivo

Identificar e analisar as principais mudanças e permanências que ocorrem ao longo do tempo, no recorte espacial analisado que considera a distribuição fitogeográfica do bioma Pampa e o bioma Mata Atlântica, em um espaço de fronteiras.

Metodologia

A História Ambiental, disciplina que estuda as relações e interdependências entre humanos e o meio ambiente é utilizada como o principal referencial teórico-metodológico desta pesquisa, pois como afirmou a historiadora Eunice Nodari “permite ousar e ultrapassar fronteiras que, afinal, são fluídas, e construídas cultural e politicamente pelos humanos” (2015, p. 300). Da mesma maneira, o também historiador e precursor dessa abordagem, Donald Worster, afirma que a História Ambiental, permite contar a história “[...] de um ambiente biofísico em transformação, alterado pelas forças da natureza e da tecnologia trabalhando conjuntamente, em uma complicada dialética” (2012, p. 367). Fica evidente que a História Ambiental tem a potencialidade de auxiliar na compreensão dos processos ambientais vividos pelos biomas Pampa e Mata Atlântica, ao introduzir a questão da temporalidade para o seu entendimento.

Para compreender as transformações que os biomas estudados viveram ao longo tempo, realizamos um estudo comparativo entre os dois biomas e utilizamos fontes de tipologias diversas, tais como: relatos de viajantes, dados estatísticos de cobertura vegetal e de índices de desmatamento, fotografias, periódicos e a legislação ambiental de cada país onde os biomas analisados se encontram. Todas elas, analisadas em conjunto permitem compreender as transformações socioambientais dos seus respectivos espaços fronteiriços.

Resultados

A fauna e a flora local muitas vezes passam de um lado ao outro da fronteira de cada país, sem necessariamente ter a noção de sua existência ou a obrigatoriedade de cumprir com toda a burocracia de vistos e passaportes. Os biomas sendo ambientes com características internas muito semelhantes acabam possibilitando um território mais contínuo às espécies, mesmo que politicamente essa área esteja fragmentada. Todavia, diferentes ações tomadas pelos governos e pelas populações de cada lado da fronteira podem interferir drasticamente na conservação desses territórios e nos hábitos das espécies que por ali circulam.

Os resultados parciais da pesquisa revelam que o Bioma Pampa e Mata Atlântica, viveram processos históricos semelhantes de (re)ocupação, apesar de cada país ter trilhado caminhos distintos e apresentado alguns momentos históricos próprios. Foi essa conjunção de aproximações e

distanciamentos que resultaram em impactos díspares sobre cada parte dos biomas analisados, afetando a biodiversidade dos ecossistemas que os constituem.

Dessa maneira, os desafios ambientais foram bem diferentes ao longo do período analisado: o Pampa no século XIX sofreu uma intensa migração populacional e a introdução de espécies exóticas - especialmente de espécies como *Equus ferus caballus*, *Bos taurus*, *Echium*, *Cynara cardunculus* - que afetou a biodiversidade local; enquanto que no século XX os desafios se voltam mais para o monocultivo do trigo, soja, arroz e da silvicultura. Na Mata Atlântica o avanço da fronteira agrícola também é preocupante, especialmente através do plantio do grão de soja, bem como a introdução de monocultivos de espécies arbóreas exóticas como o *Pinus spp.* e *Eucalyptus spp.*, o que resulta na diminuição de área florestal e fragmentação dos remanescentes florestais.

Destacamos a importância desses biomas serem pensados em conjunto de maneira transnacional pelos Estados Nacionais a fim de manter a conservação de sua biodiversidade. Por fim, sugerimos a criação de planos de ação em conjunto que garantam isso e potencializem a capacidade de preservação desses biomas.

Referências

CABRAL, Diogo de Carvalho. **Na presença da floresta: Mata Atlântica e história colonial.** Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

IBGE. Mapa da vegetação do Brasil e Mapa de Biomas do Brasil. 2004.

NODARI, Eunice. Florestas em Territórios de Fronteira: Sul do Brasil e Misiones na Argentina. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 20, n. 2, p. 300-316, 2015.

RANGARAJAN, Mahesh. Nações, Natureza e História Ambiental. In: COULTER, Kimberly; MAUCH, Christof. (org.). O Futuro da História Ambiental: necessidade e oportunidades. Munique: **Rachel Carson Center Perspectives**, 2011. p. 31-34.

WORSTER, Donald. A natureza e a desordem na história. In. FRANCO, J. L. de A.; DUTRA e SILVA, S.; DRUMMOND, J. A; TAVARES, G. G. (Orgs.). **História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 367.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas de estudos concedidas.